

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A Missão
permanente dos
franciscanos
na Igreja**



Lição 25

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A Missão
permanente dos
franciscanos
na Igreja**



Petrópolis 2002

Lição 25

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,

Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,

Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e

Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann

Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





Texto das Fontes

O sonho do Papa

I. Introdução

II. Visão de Conjunto

III. Informação

1. - Conversão dentro da Igreja
 - 1.1. Obediência atenta em vez de submissão servil
 - 1.2. Carisma em vez de poder
 - 1.3. Amar em vez de julgar
 - 1.4. Dialogar em vez de combater

2. - Discernir os espíritos: Critérios franciscanos para a evangelização
 - 2.1. O Evangelho como o primeiro critério
 - 2.2. Vida segundo o Evangelho: Amor como princípio da ação
 - 2.3. Vida ao lado dos pobres
 - 2.4. O problema dos que estão afastados da Igreja

IV. Exercícios

V. Aplicações

VI. Bibliografia

VII. Legendas das Ilustrações





sonho do Papa

Uma vez, o grande Papa Inocêncio III teve uma visão. Ele vira em sonho a Igreja prestes a ruir. Incapaz de opor-se a tamanha destruição, viu como os muros vieram abaixo, o santuário dessacralizado e totalmente desprotegido, exposto a humilhantes profanações. A fé desvaneceu-se, a esperança esfriou, e o amor fugiu da Igreja...

Mas, de repente, o Papa viu aparecer dos fundos um homem pobrezinho, pequeno e de aspeto desprezível, que veio correndo para sustentar a basílica da Igreja. Com seus bra-



ços, o pobre segurava as paredes, empenhando-se com todas as suas forças.

E, de fato, os muros pararam de cair. Pelo contrário, as pedras, que já tinham caído, voltaram a seus lugares. Também o telhado cobriu de novo o santuário, dando proteção e abrigo a quem ali estivesse. Fé e esperança readquiriram um novo vigor e as pessoas voltaram a se abraçar mutuamente.

No dia seguinte a esta visão, o Papa recebeu uma visita inesperada. Quando Francisco entrou no recinto, o Papa reconheceu nele o pobrezinho desprezível que havia visto no seu sonho noturno, reconstruindo a Igreja de Deus (baseado em LM III, 10).



edificar a Igreja

“Vai e restaura a minha casa!” (Leg3C 13). Esta é a missão permanente que a Família franciscana terá que cumprir para sempre, em seguimento de Francisco. No seu livro, onde fala do chamado e da vocação do santo, Tomás de Celano desenvolve uma verdadeira “teologia da edificação

da Igreja” (cf. 1Cel 18ss.). Também Clara de Assis, junto com sua comunidade de Irmãs, adaptou-se de maneira exemplar a este chamado (cf. Lição 19).

Atualmente, em muitos países do hemisfério norte, as igrejas se esvaziam. Faltam vocações nas Ordens e congregações religiosas. De maneira significativa, a Igreja perdeu importância tanto para a vida dos indivíduos como para o conjunto da sociedade. Os países que antigamente enviavam missionários cristãos às missões estrangeiras estão se tornando, eles mesmos, países de missão (cf. Lição 14).

Nos países do hemisfério sul, no entanto, parece acontecer justamente o contrário, pois neles a significação da Igreja tende a aumentar. Em vários continentes, personalidades que receberam o Prêmio Nobel da Paz, como o Bispo Tutu da África do Sul, Bispo Belo de Timor Leste e Cardeal Paulo Evaristo Arns do Brasil, tornaram-se símbolos de uma Igreja profética. Naquelas terras, muitos irmãos e irmãs aderiram à opção pelos pobres (cf. Lições 19 e 20). Em Medellín, Puebla e Santo Domingo, a Igreja latino-americana colocou-se ao lado dos pobres, voltando a representar o papel profético que lhe é próprio.

Tanto no norte como no sul, a Família franciscana há de recordar-se da missão recebida do Crucifixo de São Damião, pois se trata da chamada de reconstruir a Igreja de Cristo.



Isto significa, edificar a Igreja sobre os fundamentos que o próprio Jesus colocou. A Família franciscana, ela mesma, tem que chegar a ser "Igreja", assim como Jesus pediu. Nunca deve sucumbir à auto-suficiência, mas há de ultrapassar-se:

- ajudando à Igreja universal a tornar-se verdadeiramente Igreja; e entendendo-se a si mesma como um movimento em constante formação;
- ajudando a todos os seres humanos a encontrar proteção e aconchego sob o teto da Igreja.

"A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos Doze... Nascida da missão, a Igreja é por sua vez, enviada por Jesus... A Igreja está no mundo... como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento de sua partida e de sua permanência. Sendo povo de Deus, imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus que a converteram para o Senhor; precisa sempre ser convocada e reunida de novo por Ele. É o mesmo que dizer, numa palavra, que ela sempre tem necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho. O II Concílio Vaticano recordou, e depois o Sínodo de 1974 retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza através de uma conversão e renovação constante, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade" (EN 15).



Visão de Conjunto

II.

Trilhar novos caminhos

1.

A presente lição consta de duas partes. Na primeira, serão enfocados aspectos que demonstram que a própria Igreja precisa de contínua conversão e evangelização. Neste contexto, compete ao movimento franciscano, desde a sua origem, uma importância especial. Primeiro, convém distinguir entre “obediência atenta” e “submissão servil”. Respeito devido à Igreja pode muito bem conviver com a iniciativa de seguir caminhos próprios, com imaginação e iniciativa. Trata-se de novos começos a realizar na história da Igreja, de tal forma, porém, que não se desfaça a comunidade eclesial.

Isto já indica que a missão específica dos franciscanos não consiste no ministério hierárquico, mas no carisma profético, para o qual devia

haver maior sensibilidade da parte de todos, e mais precisamente da parte da hierarquia. A esta sensibilidade acrescenta-se a caridade que deve estender-se, não em último lugar, aos marginalizados, por ser o argumento que convence mais do que qualquer violência. Na segunda parte da presente lição, trata-se dos critérios que levam ao discernimento dos espíritos. Um destes critérios, de natureza objetiva, é o próprio Evangelho. Um segundo critério refere-se mais à intenção, ou seja, ao amor como princípio do agir.

Um terceiro critério é pessoal, visando uma vida ao lado dos pobres. O quarto critério é formado pela preocupação missionária que obedece ao chamado de transpor as barreiras em direção aos que vivem afastados da Igreja.





Conversão dentro da Igreja

1.

"Vai restaurar a minha casa que está caindo!" (Leg3C 13). Na história da Igreja, poucas vezes uma missão foi formulada com palavras tão claras e concisas. Trata-se de uma missão de suma importância, a saber, a ordem de reedificar a Igreja de Deus a partir de dentro. Isto significa que a Família franciscana representa um movimento de renovação. Nisto consiste o seu carisma particular.

Nas suas fontes primitivas, esse movimento de renovação é descrito de maneira fascinante. Através de muitos exemplos se demonstra o que acontece quando cristãos se deixam evangelizar dentro da Igreja.

Obediência atenta em vez de submissão servil

1.1.

Em primeiro lugar, convém lembrar que Francisco resistiu a todas as tentativas feitas para impor-lhe um estilo de vida monástico tradicional. Ele segue à vocação recebida diretamente de Deus, a partir de um início totalmente novo e diferente:

"E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o Senhor Papa mo confirmou" (Test 14ss.)

Não é, portanto, ilusão esperar que cristãos procurem continuamente abrir novos caminhos na Igreja, levando toda a Igreja a um processo de conversão. No entanto, a evangelização seria bem mais simples, se os detentores do múnus eclesiástico tivessem uma confiança mais explícita na ação do Espírito Santo.

"De muitos modos, o Espírito Santo estimula o espírito missionário na Igreja de Deus, e não raro se antecipa à ação daqueles que lhe dirigem a vida" (AG 29).



Obediência à hierarquia da Igreja deve mostrar-se primeiro como uma obediência ao Espírito Santo e não contentar-se com uma submissão servil, senão a vida fica estagnada e o Evangelho perde o seu vigor. Por isso, ninguém tem o direito de tomar por absolutas as suas próprias intuições e experiências. Quando Francisco procurava o Papa, ele queria a confirmação de sua nova forma de vida, e não pediu que o Papa lhe desse uma nova forma de vida (1Cel 32). Foi-lhe importante receber a confirmação papal, porque assim tinha a segurança de viver em união com a Igreja.

Carisma em vez de poder

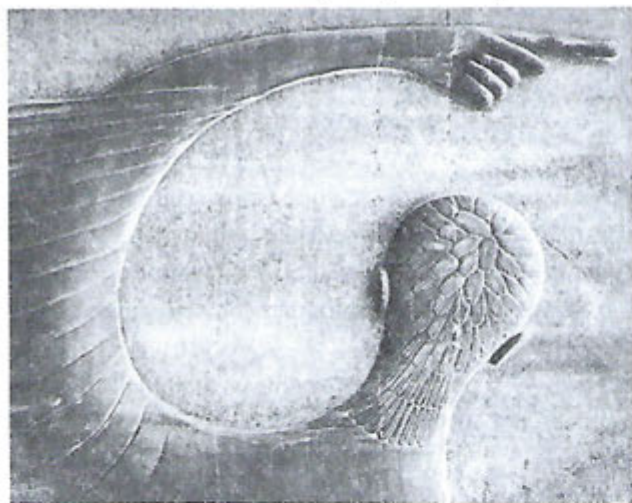
1.2.

Ao abrir novos caminhos no mundo da fé, a coragem de Francisco apoiava-se na sua autoconsciência carismática: *“O Senhor me revelou...”* Ele experimentou em si mesmo o poder e a ação do Espírito. Mas nem por isto ficou presunçoso. Não se aproveitava de seu carisma para pretender a uma dominação espiritual. Ao contrário, convidava a cada irmão a se tornar consciente de seu próprio carisma (cf. Irmão Leão). O respeito diante da ação do Espírito em cada pessoa manifesta-se também na Regra dos Irmãos. Ela desenvolve a maior delicadeza para captar o agir do Espírito, quando se trata da vocação missionária de algum irmão (RegB 12) ou da vocação em geral (cf. RegNB 2,1; 16,3; RegCl).

Em casos de conflito com irmãos que mantinham cargos de liderança, Francisco fez a decisão depender do Capítulo, isto é, da assembléia dos irmãos, a maior autoridade dentro da Ordem. A introdução desta estrutura democrática significava uma virada revolucionária para a Igreja do século XIII. Francisco redescobriu esta regra de vida cristã, porque sabia da ação do Espírito em cada irmão e porque queria criar estruturas que se conformassem à atividade do Espírito, que ele chamava *“o verdadeiro ministro geral”* da Ordem (cf. 2Cel 193).

Francisco não usava o Evangelho para manipular outros. O respeito pela ação do Espírito

levava-o a um grande respeito pelo ser humano. Se a Igreja tivesse respeitado melhor estes princípios do agir que Francisco observava, ela teria evitado, no decorrer da história, muitos conflitos tanto na cura de almas como nas missões. Finalmente, o mesmo princípio se aplica à Família franciscana e sua ação missionária.



O livro dos "Fioretti" conta a história dos três ladrões homicidas e como Francisco repreendeu fortemente o guardião que os havia expulsado. *"Tu te comportaste cruelmente; porque melhor se levam os pecadores a Deus com doçura do que com cruéis repreensões... E porque obraste contra a caridade e contra o santo Evangelho de Cristo, ordeno-te pela santa obediência que imediatamente apanhes este sacco de pães e este vaso de vinho, e que vás atrás deles sollicitamente por montes e por vales até os encontrar, e lhes apresentes de minha parte todo este pão que mendiguei e este vinho; e depois te ajoelhes diante de-*



les, dizendo-lhes humildemente toda a culpa de tua crueldade; e depois lhes rogues de minha parte que não mais façam mal, mas temam a Deus, e não ofendam ao próximo: e se eles fizerem isso, prometo prover-lhes em suas necessidades e dar-lhes continuamente de comer e de beber" (Fior 26).

Aquilo que esta história relata já estava inscrito na Regra como um dos princípios: *"E todo aquele que deles se acercar, seja amigo ou adversário, ladrão ou bandido, recebam-no com bondade"* (RegNB 7,13).

Certamente, isto tem algo a ver com o conceito de pobreza que Francisco tinha: Aquele que sabe que tudo aquilo que tem nas mãos não lhe pertence como próprio não vai excluir outros. Além disso, é a prova de uma bondade fundamental que abraça todos os seres humanos, capaz de descobrir mesmo através de culpas e comportamentos negativos um ser que não precisa de nada a não ser de bondade.

Neste contexto, quem não se lembra da ovelha perdida? Justamente os marginalizados, os que não estão integrados na comunidade necessitam de atenção especial, não de julgamento, mas de amor.

O que é possível quando alguém se deixa conduzir pelo espírito do Evangelho é demonstrado de maneira impressionante pelo encontro de Francisco com o sultão.

Enquanto o exército dos cruzados marchava contra os sarracenos, com a benção da Igreja,

Francisco atravessava desarmado a frente e foi a pé ao acampamento do sultão, conseguindo realmente falar com ele. Jacques de Vitry, que acompanhava o exército dos cruzados, descreve o acontecimento:



“Vimos o fundador e mestre da Ordem, a quem todos os demais obedecem como a seu prior geral. Era um homem simples e iletrado, amado de Deus e dos homens, de nome Frei Francisco. Seu entusiasmo íntimo e o fervor extático o levavam a tais excessos que, tendo chegado ao exército dos cristãos, diante de Damietta, sem medo algum munido unicamente com o escudo da fé, foi ao acampamento do sultão do Egito. Quando os sarracenos o prenderam, ele admitiu simplesmente: ‘Sou cristão. Conduzi-me ao vosso senhor!’” (cf. Testemunhos não Franciscanos do século XIII, Escritos p.1022).

Essa tentativa de passar as frentes é seguramente o sinal de autenticidade da convicção missionária. Tais frentes podem consistir em atitudes de defesa ou de agressão, mas também em convicções enraizadas ou da pertença a certas camadas ou classes sociais. Quem consegue ultrapassar fronteiras continua aquilo que Jesus começou ao tornar-se homem, quando eliminou a barreira entre a humanidade e Deus. Para a Idade Média, o encontro de Francisco com o sultão significa um explosivo político, semelhante àquele que se descobre nas afirmações da Teologia de Libertação.





O Discernimento dos espíritos: Critérios franciscanos para a evangelização

2.

A afirmação central da Encíclica *“Evangelii nuntiandi”*, dizendo que a Igreja *“sempre tem necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho”*, seguramente ainda não foi compreendida de todo, nem pelos membros da hierarquia, nem pelos leigos.

A vida de Francisco, por sua vez, demonstra como o Espírito de Deus é capaz de transformar uma pessoa e, através dela, a Igreja inteira pela força do Evangelho.

Portanto, a missão da Família franciscana na Igreja consiste não apenas na obrigação de defender a fé cristã contra inimigos de fora, mas se dirige muito mais para dentro: os próprios irmãos e irmãs têm que se submeter sempre de novo às exigências do Evangelho, procurando uma nova *“forma de vida”* (= *forma vitae*). Nesta tentativa, terão que enfrentar bastiões pastorais e teológicos enrijecidos, que se formaram numa Igreja acomodada. Em tais circunstâncias é quase impossível evitar conflitos com a Igreja institucional. Em seguida, vamos apresentar alguns critérios que facilitarão o discernimento dos espíritos.



O Evangelho como primeiro critério

2.1.

Não se pode duvidar da fidelidade fundamental de São Francisco à Igreja. As palavras do fundador da Ordem sobre a verdadeira fé e o valor dos sacramentos, a sua atitude reverente para com todos os sacerdotes e teólogos, seu respeito diante dos bispos diocesanos, assim como suas determinações quanto ao Cardeal-Protetor dão testemunho desta fidelidade. Devido à sua fidelidade absoluta era-lhe possível ver o seu ideal confirmado por Roma. De outro lado, o santo não era nenhum funcionário eclesiástico, contente quando enquadrado em estruturas preestabelecidas e solícito apenas para garantir a continuação sem atritos do tal *status quo*. Francisco não colocou a sua comunidade diretamente a serviço da instituição eclesiástica, assim como fazia a maioria dos outros fundadores. É verdade que

ele advertia explicitamente contra heresias e contra o perigo de viver fora da Igreja (cf. 2CtFi 32ss.; CtOrd 44; Test 6ss.), mas não era a sua intenção colocar-se, antes de mais nada, a serviço da doutrina, do culto ou da organização eclesial. Sem negar a importância de tudo isso, anunciava, segundo a experiência dos seus contemporâneos, uma nova mensagem ético-religiosa, uma maneira nova de seguimento ao Evangelho.

Francisco se defendia contra a tentação de subdividir a Boa Nova em leis, regras e prescrições, como também proibiu expressamente aos seus irmãos de escrever comentários à Regra. A



autoconfiança com a qual ia ao encontro dos detentores de cargos eclesiásticos, até o papa, estava fundamentada na sua decisão de viver segundo o santo Evangelho. A este Evangelho também a Igreja e a sua hierarquia deviam obedecer. O que Francisco fazia era provar-lhes que isto é realmente possível. Só assim se compreende o que Francisco escreveu:

“Em nome do Senhor, começa a Regra de vida dos frades menores: ‘A regra e a vida dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade!’” (RegB 1, 1).

Cada nova geração de irmãos ou irmãs tem a tarefa e a liberdade de interpretar e provar a viabilidade do Evangelho no tempo e nas circunstâncias contemporâneas deles. Para isso necessitam de iniciativa, improvisação e coragem, para romper com aquilo ao qual estavam acostumados. Por isso, é legitimamente franciscana a tentativa de modificar a vida concreta, para que o Evangelho possa ser expresso e valorizado de maneira nova.

O critério principal para a vida e os trabalhos dos irmãos e das irmãs na Igreja é a *práxis* de Jesus, sua encarnação, sua vida e atividade, sua morte e ressurreição. Aí não se trata de reinterpretar sempre de novo o texto da Bíblia, dos dogmas e normas morais recebidas da tradição. Antes, a tarefa dos irmãos e das irmãs de São Francisco é concretizar e visibilizar o Evangelho o mais possível através da própria vida.

Todo o Curso sobre o Carisma Missionário Franciscano não quer outra coisa do que indicar o que isto pode significar hoje em dia. Trata-se de viver o Evangelho nos contextos moder-



nos, cheios de problemas, de ser Igreja e de ir ao encontro das pessoas no mundo, no espírito de Jesus.

Vida segundo o Evangelho: Amor como princípio de ação

2.2.

Finalidade de toda atividade missionária é o anúncio universal do Evangelho. A Igreja inteira foi encarregada de se dedicar a esta tarefa. O Vaticano II declara no seu decreto sobre a Missão:

"A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Esse desígnio provém do 'amor fontal' ou da caridade de Deus Pai" (Ad gentes 2).

O Evangelho contém uma série de exemplos, mostrando como Jesus visibiliza, através dos seus gestos e sua atividade, que Deus ama toda humanidade. Jesus não insiste tanto na doutrina, mas sobretudo na ação, ilustrando isto por parábolas, p.ex., a parábola do bom samaritano. Nesta história, o samaritano cuida, de maneira muito concreta, do necessitado. É considerado um modelo, embora seja um estrangeiro e marginalizado religioso. Por outro lado, o sacerdote e o levita renegam, por seu comportamento, os princípios da fé e da liturgia do templo, rompendo a unidade entre o amor dos homens e de Deus.

Quem apenas obedece aos dogmas da Igreja e os passa adiante sem mitigá-los ainda não está cumprindo os critérios para uma vida que corresponda realmente ao Evangelho. O Evange-



lho é vida. Quem apenas o ensina, mas por sua ação o nega, renega a religião pela própria religião. Na Igreja não aprendemos ainda bastante o que significa concretamente “viver segundo o Evangelho”, pois isto acontece de verdade apenas quando se consegue, no encontro com os homens e no contato com eles, aquela qua-



lidade de relacionamento da qual Jesus nos deu o exemplo.

Para Jesus, o relacionamento com as pessoas é idêntico à relação que Ele tem com o Pai: *“Dei-lhes conhecimento de teu nome e ainda hei de dar para que o amor, com que me amaste, esteja neles, como eu estou neles”* (Jo 17,26).

Por isso, relacionamentos pastorais devem ser enraizados em Deus. Somente quando o amor, que une Jesus com seu Pai, renasce sempre de novo no coração das pessoas que se declaram seus discípulos e amigos, Ele pode estar presente. Ao confiar a missão pastoral: *“Apascenta as minhas ovelhas!”* a Pedro, Jesus lhe pergunta três vezes: *“Simão, filho de Jonas, tu me amas?”* (Jo 21,5ss.). Essa é uma declaração muito clara e concreta sobre a qualidade da relação que há de marcar os detentores de cargos na Igreja. Invertendo a frase, Jesus disse a Pedro: *“Se tu não me amas, não se meta com o serviço pastoral dos homens.”* O anúncio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo deve ser incluído, portanto, em encontros espirituais. O amor entre Jesus Cristo e seu Pai transmite-se à convivência de Jesus com todas as pessoas humanas. Ele conta com a capacidade humana de amar, que Deus colocou nos corações, porque essa capacidade faz parte da semelhança do homem com Deus. O ser humano tem a liberdade de dar outro destino à sua própria existência. Pode-se rebelar contra a ordem da criação; pode negar a sua essência e sufocar a capacidade de amar. O Evangelho, por sua vez, mostra como as pessoas voltam a se encontrar através do encontro com Jesus. É Ele quem liberta os homens e os capacita a reencontrar-se com o amor de Deus e os outros. Jesus o conseguiu menos pelas suas palavras sobre o amor de Deus do que por seu comportamento concreto, inspirado pelo amor.

Nem por repulsa, falta de fé ou ameaça de morte, Jesus não se deixa afastar de sua atitude amorosa, e isso em obediência ao Pai. Assim Ele torna a humanidade novamente capaz de



reconhecer nesta atitude o amor de Deus e vencer o próprio egoísmo, pela obediência à vontade do Pai. Esta atitude de Jesus foi anunciada pelos primeiros cristãos: *"Deus é amor. Aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele"* (1Jo 4,16). Não se trata de uma dedução lógica, mas de uma interpretação teológico-existencial da maneira de ser de Jesus. Um exemplo: Jesus não passa sem reparar em Zaqueu, que estava trepado numa árvore procurando vê-lo. Ele pára e decide ficar na casa do publicano. É este encontro que faz Zaqueu distribuir seus bens. E Jesus comenta: *"Hoje a salvação entrou nesta casa, porquanto também este é filho de Abraão!"* (Lc 19,9).

"O que aconteceu mesmo? Nossas distinções teológicas corriqueiras falham de maneira singular. O que Jesus fez foi serviço do mundo ou serviço de salvação? Nesta história

ele pediu hospedagem, como supremo pastor, sacerdote ou mestre? É devido à natureza divina ou humana em Jesus que todos acabaram contentes?... Donde vem a mudança que aconteceu no coração de Zaqueu?... De acordo com a Escritura, tudo isso é efeito de um só momento, em que Jesus olhou esse Zaqueu, devolvendo-lhe seu prestígio, sua dignidade, sua auto-estima. A partir deste instante, Zaqueu podia mudar.

No entanto, nem todo tipo de convivência entre os homens favorece a humanização do indivíduo. Há formas de convivência que destroem a identidade da pessoa: seja nos quartos das crianças, nas escolas, em dormitórios, em cadeias, em celas de tortura. A identidade é promovida e fortificada apenas na convivência, quando as pessoas se respeitam e aceitam mutuamente, sem condições... Portanto, o que é significativa na maneira de convivência de Jesus com os homens?... Ele é aquele que lhes traz Deus e assim lhes dá a possibilidade de se tornarem imagens de Deus, isto é, de serem bons para com os outros, como Deus é bom" (Zerfass 232).



Efetivamente, nesta história Jesus não fala expressamente de Deus, nem de conversão. Simplesmente pede hospedagem na casa do publicano Zaqueu, o que não costumava acontecer entre os fariseus puritanos e não era conforme com as leis vigentes dos piedosos. *“Nisto consiste a atitude cristã: levar Deus aos outros, embora tudo fale contra”* (Zerfass). Quem hoje lê esta história, sabe que Jesus queria dizer a Zaqueu: *“Não desistas! Tu és um filho de Abraão, e Deus te ama!”* A esterilidade e o lado trágico de muitos trabalhos pastorais é causado pelo sentimento experimentado por muitos de que Deus não esteja a seu favor, mas contra eles.

Deste acontecimento salvífico, é possível deduzir dimensões de importância fundamental para a ação pastoral em qualquer época. Como Jesus agiu por amor ao Pai e como fez depender a missão pastoral de Pedro do amor a Ele, assim toda atividade pastoral tem suas raízes no Evangelho, na Boa Nova de vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Uma autêntica ação pastoral não acontece em nome próprio, mas em nome de Jesus. Quem procura seu próprio proveito, quem confia apenas em si mesmo e não conta com o amor de Deus age em nome próprio. Em nome de Jesus, no entanto, está agindo quem conta com as forças que são liberadas quando as pessoas experimentam o amor de Deus nas relações concretas e voltam a acreditar na própria capacidade de amar.

No tempo de Francisco e Clara, a ação da Igreja estava fortemente marcada por interesses que não tinham nada a ver com a essência do Evangelho. Na sua disputa com a Igreja, os discípulos de Francisco cuidavam sobretudo que as suas ações correspondessem ao amor de Jesus. Nisto consiste até hoje a missão dos irmãos e das irmãs de Francisco.

Vida ao lado dos pobres

2.3.

Aqui devia falar-se, de modo especial, dos pobres. O Evangelho, sobretudo o de Lucas, descreve quase em cada página como Jesus se relacionava com os pobres e como deixava claro que Deus é um Deus dos pobres. Da mesma forma, é um sinal característico de São Francisco e de Santa Clara que os dois queriam ser pobres entre os pobres, vivendo com os marginalizados de seu tempo. Como no presente Curso há uma lição dedicada especialmente a esse tema (cf. Lição 19), não entraremos aqui em detalhes. Apenas chama-se a atenção a um aspecto peculiar: De preferência, Jesus dirigiu-se a pessoas ameaçadas na sua faculdade de amar. A este grupo pertencem pessoas marginalizadas da sociedade de então, assim como crianças, nas quais a capacidade de amar foi sufocada ou alterada. Pessoas assim ameaçadas são os primeiros alvos da preocupação pastoral, porque podem referir-se à palavra de Deus: *“Aquele que receber uma criança como esta por causa de meu nome recebe a mim”* (Mt 18,5).

Para Jesus, ninguém há de ser excluído da comunidade por motivos religiosos, p.ex., por não participar do culto segundo rituais estabelecidos por leis humanas: *“Não são os que estão com saúde que precisam de médico, e sim os doentes!”* (Lc 5,31).



As sanções mais duras, Jesus as profere contra aqueles que, nas crianças e nos fracos, colocam em perigo ou até destroem a capacidade de confiar e de amar: “Caso alguém escandalize um destes pequenos que crêem em mim, melhor será que lhe pendurem ao pescoço uma pesada mó e seja precipitado nas profundezas do mar” (Mt 18,6).

À pergunta dos discípulos, quem no Reino dos Céus é o maior, Jesus respondeu que é preciso tomar a ser como uma criança. Quem, portanto, desiste de grandeza, força e poder “é o maior no reino dos céus” (Mt 18,1-4). Jesus iguala crianças e discípulos. Para ambos vale: “Aquele que receber uma criança como esta por causa de meu nome recebe a mim” (Mt 18,5). Quem, por ser cristão, renuncia à violência, tornando-se indefeso, expondo-se, como Francisco, ao “sultão”, tem o Evangelho do seu lado.

O problema dos afastados da Igreja

2.4.

Em toda parte, a Igreja tem a obrigação de anunciar. O fato de que há muita gente que já não frequenta a Igreja ou não a reconhece como instância normativa não é novidade. Novo é, porém, que grupos coesos, representando até a maioria de uma sociedade, se colocam fora da Igreja. Já se fala até de uma era pós-cristã. Esta situação clama por pessoas dispostas a ultrapassar as fronteiras da Igreja, para abrir novos campos de pastoral, campos ainda não experimentados.

Em muitos países tradicionalmente cristãos, há uma alta percentagem de pessoas que se declaram “sem religião”. Outros se entendem como cristãos, mas não encontram acolhimento e acolhida na Igreja oficial, ou até mesmo não pertencem a nenhuma Igreja (= “*unchurched people*”). De outro lado, há aqueles que nunca pertenceram a nenhuma Igreja, mas são atraídos ao seguimento de Jesus, entendendo-se a si mesmos como cristãos (= “*churchless Christians*”). Este fenômeno ocorre sobretudo no Japão, onde, segundo as estatísticas, mais ou menos 1,65% da população se declaram cristãos, mas apenas cerca de 0,8% são batizados. Frente a essa situação, não será que justamente os seguidores de Francisco deviam ser os mais indicados para procurar novos caminhos? Pelo convite à penitência e pela sua “*exhortatio*”, Francisco queria atingir precisamente essa gente que, de fato, não fora atraída pela pregação tradicional.

A diferença entre pregação e exortação consiste justamente nisso:

- a pregação se fazia dentro do edifício da Igreja; a exortação, por sua vez, nas praças e nas ruas;
- a pregação orientava-se segundo o dogma e a doutrina oficial da Igreja, enquanto a exortação insistia na vivência, na vida prática;
- a pregação tinha que observar e obedecer a princípios acadêmicos, adquiridos na escola ou na faculdade, enquanto a exortação surgia espontaneamente do coração, expressando-se de maneira popular e podendo até tomar a forma de uma canção.

Esse último método era o mais apropriado para os “*unchurched people*”, pois se o povo não vem à Igreja para ouvir a palavra de Deus, então o Evangelho tem que ser levado para fora, para ser proclamado nas praças e nas estradas. Para isso, é preciso usar imaginação e criatividade. Neste sentido, Francisco declarou:



“*Fiz o que tinha de fazer. Que Cristo vos ensine o que cabe a vós!*” (2Cel 214).

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Mt 18,1-16; Lc 5; 19,9; Jo 17,26; 21,15; 21,5ss; 1Cor 12,1-30; 1Jo 4,16
Documentos da Igreja	AG 2; 28; EN 6
Fontes	2CtFi 32ss; CtOrd 44; CILE; RegNB 2,1; 7,14; 16,3; RegB 1,1; 12; Test 6ss; 14ss; 1Cel 18ss; 19ss; 32; 2Cel 193; 214; Leg3C 13; LM III.10; Fior 26; HO 32; LegCl 1
Documentos interfranciscanos	-
OEM - OFMCap - OFMConv	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* **Anotação:** As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.





Tomás de Celano descreve como Francisco, em São Damião, “edificou uma casa a Deus”. Fala em alegoria, dizendo: “Nela estabeleceu-se Clara, natural de Assis, como pedra preciosa e inabalável, alicerce para as outras pedras que se haveriam de sobrepor” (1Cel 18).

Leia os parágrafos seguintes:

“19. Sobre ela foi edificada uma estrutura das mais preciosas pérolas, cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus. É impossível compreendê-la com nossa estreita inteligência e apresentá-la em poucas palavras.

Antes de tudo, elas possuem a virtude da mútua e constante caridade, que a tal ponto une suas vontades que, vivendo em número de quarenta ou cinquenta em um mesmo lugar, parecem ter uma só vontade e uma só opinião. Brilha também em cada uma a jóia da humildade, que conserva os dons recebidos do céu e lhe merece as outras virtudes. O lírio da virgindade e da pureza perfuma-as todas, a ponto de esquecerem os pensamentos terrenos e desejarem apenas meditar nos celestiais. Essa fragrância acende em seus corações tão grande amor pelo Esposo eterno que a sinceridade desse afeto sagrado apaga toda lembrança da vida passada. São adornadas por tão grande pobreza que nunca se permitem satisfações no comer e no vestir, mas só o que é de necessidade extrema.

20. Adquiriam a graça especial da abstinência e do silêncio, a ponto de não precisarem esforçar-se para coibir os apetites carnis e refrear a língua. Algumas delas já se desacostumaram tanto de falar que, quando precisam, mal conseguem lembrar-se de como se formam as palavras. Todas são adornadas pela virtude da paciência, de modo que nenhuma adversidade ou moléstia chega a perturbá-las ou alterá-las. Afinal, chegaram a tal nível de contemplação que nela aprendem tudo o que devem fazer ou deixar de fazer e aprenderam a se arrebatam por Deus, dedicando a noite e o dia aos louvores divinos e à oração.” (1Cel 19-20).

Perguntas:

1. Quais destas “pedras de construção”, usadas pelas Clarissas, continuam sendo na Igreja inteira um valor universal e permanente?
2. Que elementos suplementares de construção parecem necessários hoje em dia, para que possa surgir localmente uma comunidade eclesial realmente viva?



Exercício

2.

Leia o texto de 1Cor 12,1-30

Tarefas e perguntas:

1. Faça uma lista dos serviços eclesiais que existiam em Corinto, no tempo de São Paulo. Procure as denominações correspondentes de hoje.
2. Quais destes serviços não existem na sua paróquia/comunidade?
3. Que outros serviços você conhece ainda?
4. Entre esses serviços, qual deles conta mais na sua paróquia/comunidade?



Exercício

3.

A presente lição termina com as palavras: *“Se o povo não vem à Igreja para ouvir a palavra de Deus, então o Evangelho tem que ser levado para fora, para ser proclamado nas praças e nas estradas. Para isso, é preciso usar imaginação e criatividade.”*



Perguntas e tarefas:

1. Onde é que você já encontrou na sociedade, na Igreja ou na comunidade, *"unchurched people"*?
2. Que tipo de pessoas representam?
3. Você conhece programas pastorais apropriados para eles?
4. Procure elaborar um tal programa pastoral junto com seu grupo.



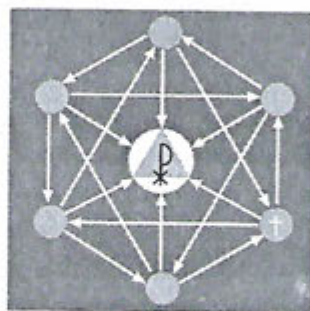
Aplicação:

1.

No texto seguinte são propostos três modelos de Igreja:

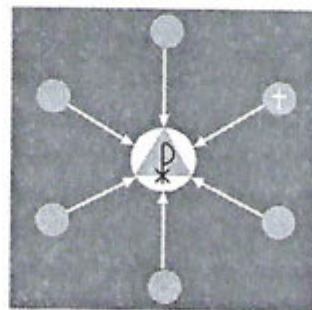
• Modelo comunitário:

“A pessoa que reza, amadurecida na fé, é alguém que ouve. Presta atenção ao que os outros atribuem à oração e sabe contribuir com suas orações ou cânticos, quando se entrosam na temática dos outros ou a completam e levam mais adiante. Assim, surge uma ordem, como também Paulo a exige para a sua comunidade em Corinto...” (1Cor 14,10; cf. 14,33).



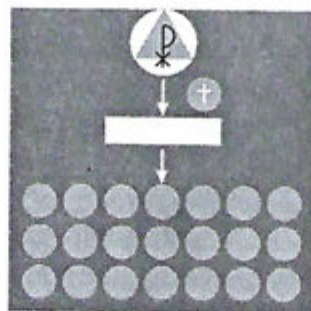
• Modelo individualista:

“Mas quando uma comunidade de cristãos está começando a se formar, quando a maioria deles ainda não deu o passo de entregar a sua vida, quando ainda não aprendeu a confiar plenamente no Espírito de Deus, então chamaria o culto deles de espontâneo, mas não de carismático... Um culto deste tipo caracteriza-se pelo fato de que os membros, via de regra, não têm contato uns com os outros na oração. Cada um reza aquilo que no momento lhe parece acertado. Ainda não estão percebendo que o Espírito de Deus está rezando também no outro, e por isso prestam pouca atenção à oração dos outros. Cada um se dirige diretamente ao centro...”



• Modelo hierárquico:

“No culto tradicional da comunidade, o sacerdote tem um lugar proeminente. Ele está diante da comunidade... Ele é o orador e porta-voz da comunidade. O fiel em particular só pode formular a sua oração em silêncio, entrando nas orações determinadas pela liturgia. Não existem explícitas relações mútuas neste tipo de oração” (Anton Rotzetter).



Perguntas:

1. Onde é que você já encontrou os três modelos mencionados?
2. Segundo a sua experiência, qual dos três modelos você encontra com mais frequência?
3. Qual dos três modelos corresponderia melhor a suas próprias necessidades, ou às necessidades pastorais do seu contexto?



Aplicação

2.

Fidelidade tradicional dos franciscanos a Roma e crítica profética

É uma característica especial de São Francisco de Assis que ele queria viver a sua nova vida na Igreja e com a Igreja. Por isso, distinguia-o um grande amor e reverência ao Papa. Entretanto, havia muitas ocasiões durante a vida do santo, quando ele não pôde aceitar determinações da Igreja romana.

O exemplo mais notório era a sua rejeição pública da 5ª Cruzada (1217-1221), organizada na época do Papa Honório III, porque a Francisco a idéia de uma cruzada não parecia compatível com o espírito do Evangelho, escolhido por ele como sua "forma de vida".

A fidelidade à Igreja, portanto, não nos isenta do dever penoso de medir seu comportamento concreto, comparando-o com o espírito do Evangelho. Isto faz parte da tarefa profética das Ordens, especificamente, sem as quais a Igreja não poderia ser a "*ecclesia semper reformanda*", i.é, a Igreja sempre obrigada a se reformar.

A poesia seguinte é expressão deste protesto profético. Foi escrita por uma franciscana, preocupada com a Igreja por amor a ela, por ocasião da excomunhão do teólogo e sacerdote, Pe. Tissa Balasuriya, padre Oblato, universalmente conhecido. Motivo desta medida tinha sido, em 1990, a publicação do seu livro "*Maria e a libertação humana*". O conteúdo deste livro foi declarado "*incompatível com o depósito de fé da Igreja*" pela Congregação da Fé que em seguida excomungou o autor. Isto aconteceu sem que houvesse o processo previsto pelo Direito Canônico (CIC 221 e 50).

Na poesia não se trata da autenticidade da fé, mas do direito da pessoa humana na Igreja e do modo como a Igreja trata as pessoas; se ela age conforme o Evangelho ou não, sobretudo com pessoas como o teólogo Tissa Balasuriya, de 72 anos, que havia servido à Igreja fielmente durante toda sua vida. Tudo isto, mesmo quando existem legítimas dúvidas teológicas.

Ao Papa João Paulo II

Se você fosse Pedro,
eu poderia chamar você de irmão
e iria dirigir-me a você
em necessidades próprias e alheias.
Mas o título "Sua Santidade"
levanta barreiras
entre você e mim,
que o nosso Mestre,
tanto o seu como o meu,
não queria que existissem.

Assim, eu pergunto de longe:
Como foi mesmo daquela vez
no lago, quando Pedro
quase se afogou nas ondas?
Será que Jesus o deixou
afundar-se ainda mais?
Será que o castigou
porque ousava abandonar
a segurança do barco,
andando sobre águas revolvidas
para encontrar o seu Senhor?

Nunca teria tido a coragem,
se o próprio Jesus
não o tivesse convidado:
"Venha!"

Quando Cristo
construiu a sua Igreja
sobre rocha firme,
ele não o fez
para que vida, amor e liberdade
se espatifassem
contra a rocha dura,
preocupado apenas com a verdade;

mas para que servisse
como terra firme
aos passos inseguros
dos seres humanos.

Por isso, eu lhe suplico:
Deixe a verdade
defender-se a si mesma.
Deixe trigo e ervas salvagens
crescerem juntos
até o dia da colheita.
Pois somente o semeador
sabe distinguir entre ambos
nas profundezas do tempo.

Como é fácil confundir
boa semente com erva má,
quando é jogada ao fogo,
de maneira despreocupada,
para queimar.
(Afastai-vos,
sombras escuras da Inquisição!)
"Deixem os dois crescerem
juntos até a colheita!"
disse o Senhor.

Mas quem sou eu
para dizer tudo isso a você?
Porém, de outro lado,
até os reis escutaram
o que lhes diziam os bobos.
Portanto, porque você
não há de prestar atenção
à minha voz?

Maureen More
(Tradução do inglês)



Tarefas:

1. Partilhem suas impressões sobre essa poesia.
2. Procurem encontrar como é possível combinar a fidelidade à Igreja com a missão profética das Ordens.

Francisco de Assis

Legenden und Laude (Zurique 1976) 402-410

Fuchs, O.

• Die praktische Theologie im Paradigma biblisch-kritischer Handlungswissenschaft zur Praxis der Befreiung: O. Fuchs (edit.), *Theologie und Handeln: Betr. zur Fundierung der Praktischen Theologie als Handlungstheorie* (Düsseldorf 1984) 243

Gemeinsame Synode der Bistümer in der Bundesrepublik Deutschland, Beschluss der gemeinsamen Synode zu "Missionarischer Dienst in der Welt" (Friburgo 1977) 821-845, n° 3,4

Godin, H./Daniel, Y.

La France - pays de Mission? (Lyon 1943)

Laumanns, C.

Die Eucharistiefeier im Stil charismatischen Betens als missionarischer Gottesdienst: A. Rotzetter (edit.), *Geist und Kommunikation, Seminar Spiritualität 4*, (Zurique 1982) 201ss.

Lohfink, N.

Der Geschmack der Hoffnung. Christsein und christliche Orden (Friburgo 1983)

Mascarenhas, L.

Loyale Opposition im Namen des hl. Franz: Fidelis. Provinzzeitung der Schweizer Kapuziner 72 (1985) n° 2,69ss

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

da Série: Berichte - Dokumente - Kommentare:

• Caderno 44: Dein Wort ist Leben. I. Bibelmeditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1989)

• Caderno 47: Dein Wort ist Leben. II. Bibelmeditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1991)

• Caderno 53: Dein Wort ist Leben. III. (1ª parte) Bibel-meditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1993)

• Caderno 54: Dein Wort ist Leben. III. (2ª parte) Bibel-meditationen lateinamerikanischer Ordensleute (Bonn 1993)

• Caderno 55: Santo Domingo 1992 - IV. Generalversammlung der Lateinamerikanischen Bischofskonferenz; Werden, Verlauf, Wertung (Bonn 1993)

• Caderno 58: Der franziskanische Missionsauftrag in einer veränderten Welt. Erinnerung und Erneuerung (Bonn 1994)



- Caderno 64: Franziskanische Spiritualität und Evangelisation. Dokumente der XIV UCLF (Bonn 1996)
- Caderno 67: Menschenrechte. Unsere Anwaltsfunktion für die Entrechteten (Bonn 1997)

Schmäzle, U.

Die Not der Kirche: Ihre Erneuerung in Europa: A. Camps/G.W. Hunold (edit.) Erschaffe mir ein neues Volk (Mettingen 1982) 169-183

Zerfass, R.

Jesu Umgangsstil als Massstab für die Seelsorge: Diakonia 14 (1983) 232ss.

Zulehner, P.M.

- *“Denn Du kommst unserem Tun mit Deiner Gnade zuvor...”* Zur Theologie der Seelsorge heute (Düsseldorf 1984)
- Helft den Menschen leben. Für ein neues Klima in der Pastoral (Friburgo 1983)
- Kirche - Anwalt des Menschen (Viena 1980)
- Leibhaft glauben. Lebenskultur nach dem Evangelium (Friburgo 1983)

Frontispício:

São Francisco

Frontispício interior:

Vitral, de Frère Éric, Igreja da Reconciliação em Taizé, França

p.04: Sonho do Papa Inocêncio III. Benozzo Gozzoli (1420-1497), afresco na Igreja São Francisco de Montefalco

p.05: Cristo e seu povo, segundo o Salmo 27(28), 9: *"Ajuda a teu povo, Senhor; e abençoa a tua herança. Sim, apascenta-as e carrega-as eternamente"*, sec. IX, Biblioteca Regional de Württemberg, Stuttgart

p.07: Foto; Adveniat

p.08: Francisco e o papa. Gravura de Paul Reding

p.09: De: *"Es tu quem faz desaparecer a dureza das pedras?"* Anton Rotzetter, Haby Krämer

p.10: *"Anastasis-Auferstehung"*, mosaico de 1042-1055, Chios, Grécia, mosteiro de Nea-Moni

p.11: São Francisco diante do sultão do Egito. Meados do séc. XIII, Basílica de S. Cruz, Florença

p.12: Gravura de Azariah Mbata

p.13: Revelação de Jesus Cristo. Ilustração da Apocalipse de Bamberg, após o ano 1000, na ilha de Reichenau.

p.14: Foto: KNA-Bild

p.15: Jesus entre os pobres e os doentes. Afresco da Igreja de São Paulo, Mtwara, Tanzania

p.16: Perto de Caracas, Venezuela, o padre Luis Padilla ajuda a um soldado mortalmente ferido (1962). Foto: H. Rondon

p.19: Colagem do tema: Igreja e pessoas humanas



Para Refletir

Escutar

Os franciscanos têm muita coisa a dizer aos homens do nosso tempo, sobretudo à nossa sociedade industrial, marcada pelo consumo, que pouco considera os sofrimentos de milhões de seres famintos no mundo inteiro. Há muitos que tramam guerras em vez de promover a paz, que destroem o meio ambiente em vez de proteger a natureza, louvada solenemente por Francisco no seu cântico.

De preferência, é da alçada de vocês, franciscanos, responder as pessoas a respeito dos problemas modernos, de educá-las para que contemplem as coisas de maneira correta, para que possam assim desenvolver uma consciência pura e uma orientação interior equilibrada diante do nosso mundo. Ressuscitando os verdadeiros valores cristãos, vocês podem dar uma grande contribuição para a paz e o progresso da humanidade.

Como filhos do Santo da pobreza evangélica, do pacificador, do amigo da natureza, vocês são os melhores intérpretes da mensagem que Francisco dirigiu aos homens do seu tempo; uma mensagem que até hoje não perdeu nada de sua validade e que, com sua força é capaz de renovar a sociedade, sempre de novo.

Mensagem do Papa João Paulo II, ao Capítulo Geral dos Frades Menores Conventuais, em 28.05.1989

Rezar

São Francisco, estigmatizado no Monte Alverne, o mundo tem saudades de ti, como ícone do Crucificado.

Ele precisa do teu coração, aberto para Deus e os seres humanos, dos teus pés machucados, tuas mãos transpassadas e suplicantes.

Ele tem saudades da tua voz frágil, fortalecida pelo poder do Evangelho.

Francisco, ajuda aos homens de hoje, para que identifiquem o mal do pecado e readquiram sua pureza interior pela penitência.

Ajuda a estes homens, para que se libertem das estruturas do mal, que tanto oprimem a nossa sociedade.

Desperta as consciências dos governantes para que promovam a paz entre as nações e povos.

Transmite aos jovens a força de tua vida, para que se destaquem da perfídia de uma multifacetada cultura de morte.

Francisco, mostra a todos que foram feridos pela maldade a tua alegria de perdoar.

A todos que foram crucificados pelo sofrimento, a fome e a guerra, abre de novo a porta da esperança. Amém."

Papa João Paulo II, na Capela das cinco chagas, La Verna, em 18.09.1993



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@computland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo
22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja